

# PAISAGEM, ESPAÇO E POBREZA: INTERFACES TEÓRICAS POSSÍVEIS

*Wagner Lopes Sanchez\**

*Vi ontem um Bicho  
Na imundície do pátio*

...

*o Bicho, meu Deus, era um homem.*

(MANUEL BANDEIRA)

## Resumo

*O texto problematiza duas categorias extraídas do pensamento do geógrafo Milton Santos — paisagem e espaço — e procura mostrar a relevância destas e as contribuições teóricas que essas categorias podem fornecer para o estudo da pobreza. Essas contribuições são sistematizadas e apontadas como possíveis linhas de pesquisa.*

## Palavras-chave

*Paisagem, espaço e pobreza.*

---

\* Wagner Lopes Sanchez é doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, professor na Faculdade São Luís e no Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP e membro do Núcleo de Estudos sobre a Pobreza/Faculdade São Luís (NEPO/FSL). A pesquisa que deu origem a este texto foi financiada pela Faculdade São Luís. E-mail: [wagnersanchez@uol.com.br](mailto:wagnersanchez@uol.com.br)

## Introdução

A pobreza é, no Brasil atual, um dos graves problemas a serem enfrentados pela sociedade civil e pelo poder público. Um sintoma disso é o fato de que o debate sobre esse tema está na agenda política brasileira: o governo empossado em janeiro de 2003 a colocou como uma de suas prioridades.

O enfrentamento do problema da pobreza, que hoje aflige grande parte da população mundial, passa não só pela análise dos dados, mas também pela compreensão da sua dinâmica interna e pela sua repercussão no interior da sociedade. A compreensão dessa dinâmica obriga-nos a pensá-la tanto na apreensão imediata como também na forma como ela se articula com os diversos elementos presentes na realidade social.

Para essa compreensão é decisiva a questão do referencial teórico a ser utilizado. A pergunta *qual referencial teórico é mais adequado para a compreensão da pobreza como fenômeno social dinâmico?* é fundamental para o estudo da pobreza.

A pesquisa que deu origem a este texto tinha como objetivos: a) a identificação de categorias que possibilitassem o estudo da pobreza, levando em conta os vários aspectos que estão presentes nesse tema. A escolha recaiu sobre duas categorias originárias do pensamento do geógrafo Milton Santos: paisagem e espaço; e b) apresentar as possíveis interfaces teóricas entre as categorias: paisagem, espaço e pobreza.

O ponto de partida para o exame dessas categorias é a poesia *O bicho*, de Manuel Bandeira. Essa poesia permite fazer uma reflexão, a partir da arte, sobre aspectos que estão presentes nas duas categorias acima referidas.

A utilização dessa poesia pretendeu mostrar que aquelas categorias estão muito presentes na reflexão que fazemos sobre a realidade mesmo quando essa reflexão não contém o rigor e a exigência do método científico, como é o caso da linguagem artística.

### 1. A paisagem da pobreza na poesia

A linguagem da arte é uma aproximação da realidade por meio da sensibilidade do artista. Ela é o resultado da relação estabelecida pelo artista com a realidade onde está inserido. Dessa forma,

*a arte é uma construção, um poder de ordenar e prefigurar. O artista não traduz, inventa. Nos encontramos no domínio das realidades imaginárias. Mas não resulta disso que este domínio do imaginário se encontro sem qualquer relação com a realidade humana e com as outras formas de atividade...* (Francastel *apud* Bello, 2003:37-38).

A arte, portanto, é uma forma de construção de conhecimento que, como outra qualquer, procura, a seu modo, ordenar e prefigurar o mundo. Se todo conhecimento visa dar uma certa ordem ao mundo caótico, a arte elabora a sua ordem do mundo e, portanto, a sua cosmovisão.<sup>1</sup>

Ela é uma tentativa de manifestar, segundo a ótica do artista, o mistério que está por trás da aparência da realidade. É uma forma de desocultamento do que está escondido. De outra forma, é uma tentativa de decifrar/construir o sentido da vida e dos objetos presentes no mundo: *O artista está no interesse das aparências. Sente-se atraído pelo mistério das aparências. Ao contacto com o visível decifra mais plenamente o sentido da vida e dos objetos que fabricamos e usamos para vivê-la* (Buzzi, 1987:171).

A arte, justamente por causa desse *envolvimento com as aparências*, aprofunda a nossa inserção no mundo, nos ensina a *morar no mundo* (Buzzi, 1987:171). E assim ela nos convida a observar o que o simples olhar não alcança, a se deliciar com o invisível que está subjacente à aparência, a descobrir a estranheza que está presente no que é familiar à maioria das pessoas.

A arte dá lucidez à consciência que nem sempre consegue perceber claramente a realidade: *a arte não é êxtase místico, nem vã satisfação dos desejos materiais, mas uma percepção mais clara e eficaz das coisas, um modo mais lúcido de estar no mundo* (Argan *apud* Bello, 2003:38).

Por isso, a obra de arte sempre está revolucionando nossos quadros referenciais que configuram nosso mundo-organizado:

*A obra de arte, na intensa evocação do estranho no familiar, sempre revoluciona o mundo-organizado e abala seu sentido de*

---

1. Entendo cosmovisão como sendo o resultado do esforço dos grupos humanos de darem uma certa ordem ao mundo caótico.

*vida: denuncia nossa desfaçatez e maneira infernal de vivê-lo. A arte é, pois, sempre revolucionária e denunciadora* (Buzzi, 1987:172).<sup>2</sup>

Referindo-se ao poema *Navio Negreiro*, de Castro Alves, Buzzi afirma que o poeta *denuncia e revoluciona o sentido de vida escravocrata, que é, com pequenas modificações, o técnico-industrial-urbano moderno. Por isso, ainda hoje, sua poesia nos comove* (Buzzi, 1987:172).

Porque é revolucionária e denunciadora, a arte sempre surpreende pela sua imprevisibilidade e pela sua imponderabilidade.

Essas características apontadas por Buzzi, revolução e denúncia, ajudam a compreender a poesia *O bicho*, de Manuel Bandeira, escrita em 1947, e a sua importância para este texto.

*O bicho*

*Vi ontem um bicho*

*Na imundície do pátio*

*Catando comida entre os detritos*

*Quando achava alguma coisa,*

*Não examinava nem cheirava:*

*Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,*

*Não era um gato,*

*Não era um rato.*

*O bicho, meu Deus, era um homem.*

Manuel Bandeira (1947)

Nessa poesia, Manuel Bandeira redimensiona a realidade apresentada na medida em que apresenta aquilo que, num primeiro momento, era só aparência: um bicho. A realidade é muito mais do que aquilo que vemos, que percebemos. A realidade, na sua dureza, esconde algo estranho que, para ser descoberto, precisa de uma atenção refinada. O olhar comum não consegue descobrir o estranho que está presente na realidade, pois esta é percebida, num primeiro momento, como familiar, conhecida, usual. A estranheza mescla-se com a familiaridade e só pode ser discernida fora do *mundo-organizado*. A sensibilidade do artista consegue captar a estranheza e expressá-la na obra de arte.

---

2. De certa forma, a arte desorganiza o mundo-organizado e o reorganiza novamente a partir de outros referenciais.

Mas a obra de arte também denuncia a realidade a partir da indignação ética: *O bicho, meu Deus, era um homem*. A realidade observada não permitiu, num primeiro momento, que o poeta descobrisse que bicho estava observando. A fome, quando marcada pela luta instintiva pela sobrevivência, nos aproxima de outros bichos que podem buscar loucamente formas de saciedade. Acontece que o poeta descobre que aquele bicho era um homem. E daqui brota a indignação ética que leva o poeta a denunciar a realidade e a revelar o que está subjacente à aparência.

Essa poesia de Manuel Bandeira cristaliza, na forma artística, aquilo que este texto pretende problematizar: a interface entre as categorias paisagem, espaço e pobreza. Ela apresenta na linguagem artística uma articulação possível entre as categorias que são objeto deste trabalho. Paisagem e espaço, categorias que expressam duas dimensões da realidade, são instrumentos de aproximação teórica que possibilitam a compreensão da realidade e, no caso desta reflexão, da pobreza.

Os dois níveis de aproximação, paisagem e espaço, estão presentes na linguagem do poeta. Essa dialética, paisagem/espaço que pode ser traduzida por aparência/essência, visível/invisível, é apresentada no final da poesia por meio do binômio bicho/homem.

O poeta, por meio de sua sensibilidade artística, ultrapassa o limite da aparência — o bicho — e a desorganiza e, em seguida, a reorganiza, revelando o homem que subsiste à realidade aparente.

Nessa tarefa, o poeta confunde-se com o cientista social que pretende compreender a realidade da pobreza. Com olhares diferentes, a poesia e a ciência, os dois pretendem aproximar-se dessa realidade para compreendê-la.

## 2. As categorias paisagem e espaço, em Milton Santos

Santos, numa de suas obras, *Metamorfoses do Espaço Habitado*, faz uma delimitação das categorias de paisagem e espaço. Vamos examinar cada um dessas categorias na obra desse autor, visando mostrar, em seguida, a sua viabilidade para o estudo da pobreza.

### *A paisagem*

Para Santos, *tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que*

*a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (1997:61).*

A paisagem está vinculada à percepção, à primeira impressão que temos quando observamos a realidade:

*A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato (Santos, 1997:62).*

A paisagem, entendida como percepção, levanta um problema que é aquele que se refere ao processo de apreensão da realidade. E esse processo é seletivo. Ou seja, cada pessoa seleciona os elementos da realidade e configura a paisagem segundo essa seleção: *A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada (Santos, 1997:62).*

Assim sendo, para Santos, a paisagem tem a ver com a percepção do observador e, por isso, a paisagem acaba sendo o resultado de um *processo seletivo de apreensão* daquilo que é captado pelos sentidos do observador. O grande desafio está, justamente, em ir além do aspecto da paisagem e elaborar o seu significado. Nos dois casos, paisagem e significado, são construções do observador e construções mediadas pela sua história de vida pessoal e pela forma como foi realizada a sua socialização.

Se a realidade se apresenta para nós de forma imediata, na paisagem, essa forma é imperfeita, deformada, pois é o resultado da apreensão por meio dos sentidos e dos códigos provenientes da educação e da história de cada pessoa.

Além disso, um outro aspecto da categoria paisagem interessa destacar. Se a paisagem é percebida de acordo com o universo de quem a observa, isto significa que diferentes pessoas percebem a paisagem de diferentes formas. É isso que permite, inclusive, o uso ideológico da paisagem já que o universo ideológico utiliza-se, de forma seletiva, da aparência da realidade.

A tarefa do cientista é submeter a paisagem ao crivo da análise e aos instrumentos da ciência e chegar ao seu significado, ultrapassando os limites da percepção marcada pela ideologia:

*Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao se significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência (Santos, 1997:62).*

Cabe aqui destacar uma distinção feita por Santos entre *paisagem natural* e *paisagem artificial*. A primeira é aquela que ainda não sofreu interferência dos grupos humanos. A segunda, ao contrário, é a paisagem modificada pelas pessoas, é a paisagem que já sofreu interferência do esforço humano: *A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano (1997:64).*

A percepção apreende a paisagem na heterogeneidade dos elementos naturais e artificiais que, com passar do tempo, sobrepõem-se, mas sem apreender o significado de cada elemento. Um exemplo disso: um simples exame da paisagem de uma certa sociedade permite perceber os diversos objetos artificiais e naturais que a compõem, e a forma como eles estão sobrepostos, mas não permite apontar com clareza os diferentes tipos de forças produtivas que a forjaram.

E a proporção entre os elementos naturais e artificiais presentes na paisagem depende da complexidade da sociedade dada. Quanto mais complexa a organização da sociedade maior será a presença dos elementos artificiais na paisagem; ao contrário, quanto menor a complexidade maior será a presença de elementos naturais (Santos, 1997:6). A cidade moderna é um grande exemplo de acréscimos e justaposições que vão sendo feitos ao longo do processo de mudanças. A cidade moderna é um grande exemplo de paisagem marcada pela artificialidade.

A respeito da sobreposição de objetos, Santos afirma que a paisagem é uma *escrita sobre a outra* elaborada em momentos diferentes e é *a herança de muitos momentos (1997:66).*

As mudanças sofridas por uma sociedade, nas suas estruturas sociais, modificam a paisagem por meio da interferência dos atores sociais, ou seja, por meio da expressão dos movimentos provocados pela relação homem-natureza e homem-cultura.

Para alcançar esse intento, teremos que “vascular” a dinâmica que está subjacente à paisagem que, como veremos ao longo deste trabalho, manifesta-se no espaço presente na realidade social. Neste caso, a ciên-

cia é o conhecimento que permite ir além dos limites da paisagem, pois as nuances da paisagem, na sua naturalidade, artificialidade e sobreposição, não podem ser observadas *a olho nu*. Embora o olhar do observador possa apreender a paisagem no seu conjunto e na sua heterogeneidade, ele não consegue detectar os movimentos e dinâmicas que levaram à sua constituição.

### *O espaço*

No caso do espaço, a definição apresentada por Santos compreende *um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. (...) O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais* (Santos, 1997:71).

Semelhante ao que ocorre com a categoria paisagem, o espaço vai ser definido pela organização da sociedade para produzir os bens necessários à sobrevivência das pessoas. O trabalho realizado, chamado por Santos de trabalho morto, constitui a paisagem. O trabalho vivo é que constitui o espaço. Ou seja, o espaço é produzido pelo acréscimo feito pelo trabalho vivo, trabalho que está sendo desencadeado no presente.

Assim, enquanto a paisagem é a soma do conjunto de volumes fornecidos pela natureza, e que independe da ação humana — paisagem natural —, mais o conjunto dos volumes e dos objetos acumulados e produzidos pelos grupos humanos por meio do trabalho acumulado — paisagem artificial —, o espaço se constitui a partir do trabalho vivo, trabalho presente: *O trabalho morto (acumulado) e a vida se dão juntos, mas de maneiras diferentes. O trabalho morto seria a paisagem. O espaço seria o conjunto do trabalho morto (formas geográficas) e do trabalho vivo (o contexto social)* (Santos, 1997:72).

De outra forma,

*o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não consideradas isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados... O espaço é hoje um sistema*

*de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade...* (Santos, 2002:63).

O olhar sobre o espaço obriga-nos a compreender não só os objetos, mas também o que Santos designa de sistemas de ações que interagem simultaneamente. Como vimos anteriormente, nas sociedades complexas há um predomínio de artificialidade sobre a natureza.

Enquanto a paisagem é a materialização de um momento da sociedade, que Santos compara, para efeito de ilustração, a uma fotografia, *o espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. Complementam-se e se opõem* (Santos, 1997:72).

E Santos acrescenta que o processo de análise da realidade obriga-nos a separar essas duas categorias sob pena de não reconhecermos o movimento que está presente na sociedade e que se expressa na sociedade (Santos, 1997:72). Portanto, é o trabalho vivo que possibilita a existência do movimento e, portanto, do espaço.

Num outro livro, onde discute a questão da economia política da cidade, Santos explicita o que é espaço, utilizando as categorias de trabalho morto e de trabalho vivo:

*O espaço pode ser definido como o resultado de uma interação permanente entre, de um lado, o trabalho acumulado, na forma de infra-estruturas e máquinas que se superpõem à natureza e, de outro lado, o trabalho presente, distribuído sobre essas formas provenientes do passado. O trabalho morto, sobre o qual se exerce o trabalho vivo, é a configuração geográfica e os dois, juntos, constituem, exatamente, o espaço geográfico* (1994:115).

Em outras palavras, o espaço é a síntese da paisagem com a sociedade por meio da espacialidade. A categoria espacialidade tem, aqui, um sentido diferente de espaço: ela significa um momento presente das relações sociais localizadas. Assim, o espaço aponta para a dinâmica das relações, para o trabalho vivo, para a vida presente na sociedade, a espacialidade indica um determinado momento do espaço:

*O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade. A espacialidade seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial* (Santos, 1997:74).

### 3. Interfaces teóricas

Neste momento, pretendo mostrar a pertinências das categorias paisagem e espaço para o estudo da pobreza. Em outras palavras, trata-se de apresentar as interfaces teóricas possíveis entre os dois conceitos extraídos do pensamento de Milton Santos e o tema da pobreza.

#### *A paisagem da pobreza*

Para Santos o que caracteriza a relação entre paisagem e espaço é o *casamento da sociedade com a paisagem* (1997:72). Assim, há uma relação dialética entre paisagem e espaço: complementam-se e, ao mesmo tempo, se opõem. Mas do ponto de vista teórico e metodológico, é fundamental a sua distinção para percebermos o movimento que está envolvido na produção do espaço.

A relação dialética entre paisagem e espaço fornecem os elementos necessários para a compreensão dos mecanismos que produzem a pobreza.

Um dos pressupostos que estão subjacentes a este trabalho é que a sociedade é a instância que articula a paisagem e o espaço. É, portanto, a chave que possibilita entender a dinâmica que gera a pobreza e as suas interfaces, a paisagem e o espaço. A sociedade produz as condições sociais que privam as pessoas de capacidades. E essas condições podem ser examinadas tanto na paisagem como no espaço.

Olhar a pobreza a partir da paisagem é levar em conta a forma mediata como ela se apresenta ao observador. Olhar a paisagem da pobreza é insuficiente para a compreensão desta, mas é um primeiro passo para detectar a sua arquitetura e a disposição dos seus objetos. No caso da pobreza, a paisagem permite uma primeira aproximação da realidade. Ela possibilita um primeiro inventário da questão da pobreza para uma posterior análise do espaço.

Cada sociedade constrói diferentes paisagens de si mesma e, ao mesmo tempo, dos diferentes lugares sociais produzidos ao longo da história. Um exemplo disso é o fato de que a paisagem da pobreza numa área rural se apresenta para nós diferentemente da paisagem da pobreza numa área urbana. A arquitetura, os contornos e as *cores, movimentos, odores, sons* (Santos, 1997:61) da pobreza apresentam-se de forma diferente na área rural e na área urbana. O mesmo acontece com a descontinuidade periferia e centro.

A pobreza se impõe a nós num primeiro momento como paisagem artificial. Se a pobreza é um produto social que tem a sua origem em determinadas condições concretas, estabelecidas pela estrutura social, então a sua artificialidade é dada por essas condições. A paisagem da pobreza visibiliza as condições concretas que estão expressas no espaço. A lógica dominante na sociedade que produz a pobreza permeia o espaço e todos os seus elementos e está cristalizada na paisagem.

Assim, a alteração da paisagem da pobreza passa, necessariamente, pela alteração daquelas condições concretas. Ou seja, passa pela alteração do espaço entendido como o conjunto das relações e dos objetos naturais ou artificiais, neste caso produzido pelos seres humanos.

Uma observação sem muito rigor da paisagem de algumas regiões da cidade de São Paulo percebe facilmente alguns contrastes. Conjuntos de moradias precárias nas favelas e nos cortiços, onde reside a população marginalizada, ao lado de construções de boa qualidade onde reside a população da classe média e da elite. A qualidade destas últimas construções, sua arquitetura, seus contornos, seu colorido, revelam a condição social das pessoas que aí residem. O mesmo vale para os conjuntos de moradias precárias da população marginalizada. A desigualdade social aflora na paisagem e no espaço e não pode ser escondida.

Mas a paisagem revela muito mais. Ela denuncia a própria representação que a sociedade faz da pobreza. Um exemplo disso são os condomínios de classe média que, na cidade de São Paulo, têm crescido em número nos últimos anos. A necessidade de estabelecer limites e de se proteger da violência e do contato com os setores marginalizados da população, que está presente na consciência da classe média, pode ser percebido de imediato. Aqui também pode ser constatado o que foi referido no parágrafo anterior: ao lado de condomínios de luxo localizam-se favelas e bairros pobres.

A paisagem é percebida de acordo com o universo de quem a observa (Santos, 1997:62). Isto significa que diferentes pessoas percebem a paisagem de diferentes formas. É isso que permite, inclusive, o uso ideológico da pobreza já que a ideologia utiliza-se, de forma seletiva, da aparência da realidade para disseminar aqueles elementos importantes para justificar uma determinada visão de mundo. A produção da paisagem da pobreza pela ideologia visa expressar os diversos interesses ideológicos na manutenção da situação existente.

A produção de uma determinada paisagem da pobreza pela ideologia interfere tanto nas imagens que são veiculadas no cenário da sociedade como também na representação que se dá no âmbito da consciência pessoal da realidade social. A paisagem da pobreza, portanto, não está presente apenas nas diversas formas concretas de apresentação da realidade, por meio da produção de imagens, mas também no nível das representações. E é, nesse último nível, que a paisagem da pobreza fornece elementos que podem dificultar uma análise mais contundente sobre a pobreza pelo conjunto da sociedade.

E aqui alguns questionamentos são importantes: qual a configuração da paisagem da pobreza numa determinada sociedade? como se constitui essa paisagem? as representações existentes tanto no nível das imagens socialmente produzidas como no nível das representações pessoais, num determinado momento histórico, possibilitam uma aproximação do espaço onde a pobreza se dá?

Essas perguntas permitem identificar os eixos que podem abrir ricas perspectivas de estudo.

### *O espaço da pobreza*

O estudo do espaço é o que permite compreender a dinâmica de funcionamento da realidade e as suas contradições para além da paisagem presente num determinado momento histórico.

É a categoria espaço, em contraposição à categoria paisagem, que apresenta fecundidade para a análise da realidade social. Observar atentamente o espaço como *um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos* (Santos, 1997:71), como vimos anteriormente, possibilita compreender o movimento presente na sociedade e a sua dinâmica de funcionamento.

Em outras palavras, é a categoria espaço que possibilita compreender a dinâmica própria da estrutura social e a forma como esta configura o conjunto da sociedade e vice-versa.

Aqui precisamos recorrer a dois outros conceitos utilizados por Santos para explicar a questão do espaço: fixos e fluxos:

*Os fixos nos dão o processo imediato do trabalho. Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens. (...) Os fluxos são o movimen-*

*to, a circulação e assim eles nos dão, também, a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo* (Santos, 1997:77).<sup>3</sup>

No caso da pobreza, precisamos compreender como se dão as relações entre fixos e fluxos numa determinada sociedade. Assim, é correto dizer que a pobreza é o resultado de um processo que está sedimentado numa determinada organização da sociedade.

Para compreendermos a relação entre espaço, como algo dinâmico onde se dão as relações entre os fixos e fluxos, e pobreza, esse último conceito precisa ser construído nesse contexto.

Santos propõe um conceito de pobreza que atende a essa necessidade e que é útil para entendermos a questão das relações entre espaço e pobreza: *pobreza estrutural globalizada* que é o resultado de *um sistema de ação deliberada* (2000:72).<sup>4</sup> Para Santos *pode-se, de algum modo, admitir a existência de algo como um planejamento centralizado da pobreza atual: ainda que seus autores sejam muitos, o seu motor essencial é o mesmo dos outros processos definidores de nossa época* (2000:72). Para ele, hoje presenciamos

*uma espécie de naturalização da pobreza, que seria politicamente produzida pelos atores globais com a colaboração consciente dos governos nacionais e ... com a convivência de intelectuais contratados — ou apenas contatados — para legitimar essa naturalização* (2000:72).

Ao afirmar que o espaço é composto pelos fixos e pelos fluxos, estamos apontando, em última instância, para a estrutura social e para a sua dinâmica. Da mesma forma que *o espaço econômico é um conjunto de pontos e de fluxos entre eles* (1997:78), assim também o espaço em geral é um conjunto de fixos e de fluxos que está dado pelo movimento existente, pela dinâmica presente na estrutural social.

Assim, levando em conta a necessidade de articularmos espaço e pobreza, é necessário olhar para as relações entre espaço e internacionalização das cidades. No caso dos países que estão inseridos na globalização econômica atual, as cidades gradativamente vão sofrendo um

---

3. Para Santos, a produção, a circulação, a distribuição e o consumo podem ser estudados por meio dos dois elementos agora indicados: fixos e fluxos.

4. Na mesma obra referida, Santos afirma que os países subdesenvolvidos conheceram pelo menos três formas de pobreza. Além da forma atual — *pobreza estrutural globalizada* — ele aponta a *pobreza incluída* e a *marginalidade* (pp. 69-72).

processo de internacionalização o que as lança no processo de competitividade de alcance mundial:

*O processo de internacionalização das cidades ora em marcha acelera essa evolução, já que a vocação mundial das cidades as envolve num movimento cujo ritmo não é dado apenas pela própria cidade, ou seu próprio país, mas pelas exigências de uma competitividade cuja escala é planetária (1994:130).*

Esse processo altera a dinâmica do espaço e, por outro lado, traz problemas para as cidades no que diz respeito ao enfrentamento do tema da pobreza. As alternativas têm de levar em conta um processo mais amplo que, em parte, foge do controle das autoridades locais.

O processo de divisão do trabalho numa cidade vai depender da forma como ela está inserida no processo mais amplo de divisão internacional do trabalho. A grande questão para o enfrentamento da pobreza, nesses casos, é aquela que diz respeito às possibilidades concretas que a cidade tem de encontrar alternativas para superar a pobreza.

Em outras palavras, ocorrendo a internacionalização do espaço, no interior da cidade, esta vincula-se ao processo corrente de internacionalização do espaço mundial.<sup>5</sup> E isso traz uma nova configuração para a pobreza como realidade social para o estudo da pobreza.

#### **4. Contribuições das categorias paisagem e espaço para o estudo da pobreza**

Depois da reflexão realizada sobre a aproximação entre as categorias paisagem, espaço e pobreza, é possível apresentar algumas contribuições recíprocas entre essas categorias.

##### *A paisagem e a representação da pobreza*

Como demonstrou a reflexão até agora realizada, a categoria paisagem não é suficiente para o estudo da pobreza, mas pode permitir a

---

5. Santos afirma que essa mundialização dos lugares acaba criando lugares especializados e lugares complexos onde os *lugares especializados para responder a uma demanda mundializada consagram-se a uma tipologia limitada de atividades exigentes de infra-estruturas precisas e também especializadas. Os lugares complexos são, habitualmente, as metrópoles e grandes cidades, onde o meio humano permite a floração de uma multiplicidade de atividades localmente complementares...* (1994:19).

análise da forma como se dá a representação da realidade da pobreza por ser a primeira instância para o estudo desta. Ela possibilita uma primeira aproximação da realidade social e, por isso, deve ser levada em conta já que a paisagem da pobreza, apesar dos seus limites, reflete parcialmente a dinâmica e os condicionamentos que estão presentes no espaço social.

Quero propor dois níveis onde a paisagem da pobreza pode ser detectada: a) no nível da paisagem dos lugares onde a pobreza se localiza com a sua configuração própria e sua articulação os lugares onde residem outros setores da sociedade; e b) no nível da representação da paisagem pelas pessoas que vivem na condição de pobreza e por aquelas que estão fora dessa condição.

No caso do primeiro nível, o da paisagem propriamente dita, podem ser apontados os seguintes eixos:

- a arquitetura das moradias, das ruas, das praças e dos poucos espaços de lazer;
- o formato, a aparência e as cores dos imóveis particulares e públicos;
- o formato, a aparência, as cores e a funcionalidade dos meios de transporte de passageiros;
- a condição de funcionalidade dos equipamentos públicos tais como escolas, postos de saúde, hospitais e outros órgãos públicos existentes no local;
- as condições do saneamento público tais como o tratamento da água e do esgoto;
- a vegetação e a sua distribuição na paisagem;
- as diversas camadas da paisagem na história do lugar e qual; e
- o papel dos pobres e de outros setores da sociedade na composição dessa paisagem.

Cada um desses eixos estudados permitem compreender como a pobreza se configura e como se dá a sua articulação com o espaço.

No caso do segundo nível, entramos na fronteira entre a paisagem e o espaço da pobreza: é o nível da representação da pobreza pelos diversos grupos sociais, mas sobretudo daqueles que estão diretamente envolvidos com essa condição social.

Isso significa que, ao levar em conta a paisagem da pobreza, os estudos deveriam levar em conta o eixo das representações que os pobres e não-pobres tem de si, da pobreza e da sociedade onde vivem.

No caso dos pobres, descobrir como eles representam a si mesmos e como constroem essas representações é fundamental para entender os mecanismos que produzem a paisagem produzida pela sociedade e para lutar contra as condições sociais que provocam a pobreza. A observação de Paugan é importante a esse respeito:

*Nas sociedades modernas, a pobreza não é somente o estado de uma pessoa que carece de bens materiais; ela corresponde, igualmente a um status social específico, inferior e desvalorizado, que marca profundamente a identidade de todos os que vivem essa experiência (2003:45).*

A condição da pobreza não se traduz apenas na condição social da pessoa que vive em condições precárias. Ela se traduz também na auto-imagem produzida pela pessoa, na forma como ela encara a sociedade e o mundo e na forma como sinaliza as causas da pobreza.

Um exemplo disso é a idéia da naturalização da pobreza. Essa idéia está presente, também, na forma como a sociedade representa a pobreza. A valoração que é dada a este ou aquele aspecto das condições de vida das pessoas e a visão de que estes apontam de forma a-histórica para o caráter natural da pobreza, podem ser detectadas a partir da análise da paisagem da pobreza construída pela sociedade.

Além disso, a condição de pobreza se traduz, também, na forma como os pobres e os não-pobres avaliam as alternativas encontradas pela sociedade para superar a pobreza.

Em última instância, a análise da paisagem da pobreza possibilita uma aproximação das identidades pessoais e das experiências vividas pelos pobres e dos não-pobres. Essas informações não podem ser obtidas por meio dos dados quantitativos das pesquisas e estatísticas. Somente uma pesquisa qualitativa pode apontar como se dá a representação da pobreza.

O mesmo vale para compreender o universo de representações dos não pobres: estudar como essas pessoas vêem a si mesmas, como justificam a sua condição, como avaliam as condições de vida dos pobres e as imagens que constroem destes possibilita o cruzamento das diversas visões a respeito da pobreza pelos vários grupos sociais.

O esforço teórico de análise da paisagem, nos dois níveis apontados acima, parte de um pressuposto ético: a luta contra a pobreza também supõe a luta contra as representações que contribuem para a reprodução social e justificação da pobreza.

### *O espaço e a dinâmica da pobreza*

Como vimos, a categoria espaço aponta para o movimento, para a dinâmica presente na sociedade e para as relações sociais. Desta forma, a utilização da categoria espaço pode facilitar a abordagem da dinâmica subjacente à pobreza e das diversas contradições daí decorrentes.

A utilização da categoria espaço, da mesma forma que outras categorias, exige uma reelaboração que leve em conta as condições sociais que são objeto de análise.

Nas condições atuais, condicionadas pelo processo de globalização da economia, a internacionalização das cidades impõe uma configuração do espaço muito específica e muito diferente de outras condições históricas.

A distribuição dos fixos e fluxos e as suas relações num ambiente de internacionalização das cidades ganha um perfil próprio e determina o campo social e os diversos subcampos aí presentes.

Quero propor que o estudo da pobreza, a partir da categoria espaço, seja feita a partir de cinco eixos:

- *a distribuição dos fixos e fluxos* entre as diversas regiões da cidade e as suas relações com a pobreza existente. É necessário perceber como a estrutura social presente na cidade produz a pobreza e, em contrapartida, a riqueza;
- *o processo de internacionalização* da cidade e a forma como ele condiciona as relações entre as pessoas e entre as instituições e organizações instaladas. A nova divisão internacional do trabalho delimita as condições concretas de vida das pessoas nas cidades e a própria divisão do trabalho local. Além de *artificializar ainda mais o meio de vida e de trabalho, assim como a própria vida* (Santos, 1994:17), as atividades econômicas vão se segmentando de acordo com as novas exigências do mercado nacional e internacional, sob a égide do capital financeiro que é quem, atualmente, define a lógica predominante do novo contexto. A nova divisão do trabalho estabelece as condições de utilização da mão-de-obra tendo a tecnologia como eixo central do processo de desenvolvimento

- *o movimento das pessoas e do capital.* As cidades internacionalizadas são lugares privilegiados para se compreender o movimento das pessoas e do capital. Se, no passado, os fluxos migratórios eram provocados pelo processo de urbanização, agora na raiz estão outras causas relativas ao movimento de capitais. A movimentação financeira entre as várias atividades econômicas é acompanhada da movimentação humana. Enquanto o capital, sobretudo o industrial, procura aquelas regiões e cidades que oferecem melhor relação custo-benefício, assim também a população pobre localizada nas periferias das grandes cidades desloca-se de seus lugares procurando aquelas regiões que oferecem maiores oportunidade de trabalho que nem sempre trazem melhores condições de vida.
- *os mecanismos de construção da riqueza.* A construção dos mecanismos que geram a pobreza tem sido objeto de diversos estudos. Ao contrário, os pesquisadores que se debruçam sobre a questão da pobreza não têm enfrentado o desafio de desvendar os diversos mecanismos que produzem a riqueza no capitalismo atual. Se quisermos entender o espaço onde se dá a pobreza, é necessário compreender os mecanismos que, nos dias atuais, são subjacentes à riqueza.
- *a luta pela construção da cidadania como luta para superar a pobreza.* A possibilidade de cidadania plena depende das diversas soluções no nível local para permitir uma sociedade com menos desigualdade (Santos, 2000:113). Assim, a luta para superar a pobreza é, ao mesmo, a luta pela construção da cidadania. A construção da cidadania, nessa perspectiva, possibilita a articulação entre cidadania e espaço. Estudar essa articulação traz contribuições importantes para a compreensão do espaço da pobreza.

### Considerações finais

Nos dias atuais, importa não só aprofundar os estudos sobre a pobreza mas, sobretudo, elaborar o instrumental teórico que seja capaz de atender às exigências da pesquisa.

Este texto procurou enfrentar o desafio de responder à pergunta: qual referencial teórico é mais adequado para a compreensão da pobreza como fenômeno social dinâmico?

Além disso, este trabalho pretendeu mostrar que é importante para a compreensão da pobreza a construção de instrumental teórico adequado que leve em conta a aparência e o significado da realidade.

A reflexão realizada demonstrou a validade das categorias — paisagem e espaço —, desenvolvidas por Milton Santos, para o estudo da realidade, mas sobretudo para o estudo da pobreza.

Devido à fecundidade teórica dessas categorias, os diversos elementos, apresentados neste texto, que dizem respeito às interfaces das mesmas com a pobreza, poderiam dar origem a diversas linhas de pesquisa.

Além disso, esses eixos trazem à luz elementos que sem sempre são destacados. Iluminar a problemática da pobreza pelas categorias de paisagem e de espaço, como foi demonstrado neste trabalho, traz uma contribuição para a compreensão e para a superação desta.

E assim, quem sabe, o poeta não precise ficar indignado com a degradação do humano provocada pela fome e pela miséria...

### Referências Bibliográficas

- BANDEIRA, M. (1971). *Seleção em prosa e verso*. Rio de Janeiro: José Olympio/MEC.
- BELLO, L. (2003). A arte e seu ensino, uma questão ou várias questões? In: BARBOSA, A. M. (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, pp. 35-48.
- BUZZI, A. (1987). *Introdução ao pensar*. 16ª ed. Petrópolis: Vozes.
- PAUGAM, S. (2003). *Desqualificação social*. Ensaio sobre a nova pobreza. São Paulo: Cortez-EDUC.
- SANTOS, M. (1994). *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: Hucitec-Educ.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Metamorfoses do espaço habitado*. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Por uma outra globalização*. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record.